Notas sobre negritude, saúde, coletivos e lutas



» IRAPOAN NOGUEIRA FILHO
Psicólogo, cientista, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Nas próximas linhas, vou refletir sobre racismo e produção de saúde. Mas não vou realizar apenas uma descrição sobre como sofremos… Afinal, já se falou e se escreveu sobre isso. Sou psicólogo, cientista e professor. Interessa-me ir além da descrição do sofrer. Por isso, dentro do espaço deste artigo, farei uma introdução para contextualizar o racismo como produtor de adoecimento. Em seguida, esboço algumas notas, que serão desdobradas em quatro pontos: 1) abrir caminhos; 2) fazer encontros; 3) trocar histórias; 4) organizar as forças. Vamos lá!

No Brasil, encontramos um racismo estrutural, como diz Silvio Almeida. Mas é necessário apontar também que o racismo é estruturante: é estruturante de nossas relações, de nossos modos de existir entre os outros e de existir conosco mesmos. O racismo não está "apenas" nas violências da polícia ou do sistema hospitalar: o racismo mata sonhos de crianças pretas, joga à pessoa preta uma identidade que é escrita a partir de um referencial de perfeição definido como "branco".

Pessoas negras nascem, vivem e morrem em meio a práticas racistas. Cabe apontar que a ausência de acesso a uma educação formal — comum na população negra — funciona como obstáculo no acesso ao diagnóstico, ao tratamento e a ferramentas para buscar ajuda. A dificuldade de acesso a nutrição e sono adequados também gera toda sorte de adoecimentos e de transtornos mentais — e, por vezes, comorbidades. É uma trama complexa de precariedades que vão provocar os diferentes adoecimentos. Mas é necessário falar também das resistências, das criações e movimentos de vida entre nós, porque é por meio dessas duas ferramentas que vamos adiante, com avanços e sucessos.

Abrir caminhos, fazer encontros. O movimento negro é educador, como já disse Nilma Lino Gomes. Não apenas no sentido escolar: cuidamos dos nossos, dos filhos e netos dos nossos, damos orientações, auxílios, apoios... vivemos em redes colaborativas. Nossa existência é coletiva. E, se chamarmos quilombo a todo espaço e comunidade resistente criado por populações descendentes de africanos escravizados a partir de situações de resistência… toda vida preta tem potência de quilombo, por assim dizer. E grande parte desse movimento negro não é autonomeado enquanto tal: são grupos de mães que se organizam em rede de cuidado dos filhos, são grupos de jongos, são velhas guardas de escolas de samba… fazendo história e resolvendo questões locais e concretas.

Muitas dessas pessoas carregam a carga e o cansaço de lutas — e, frequentemente, a sensação de solidão nessa jornada. É necessário não apenas abrir caminhos para quem vem atrás, mas também fazer encontros. Reconhecer-se, trocar experiências. Existir em coletivos possibilita a retomada e expansão de nosso poder de agir. Nesse sentido, tenho organizado uma sessão temática em congressos da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros que devo repetir em nosso congresso no Sudeste a ser realizado este ano: "Ações pela negritude: tentativas de ações e movimentos sociais transformadores e de pesquisas transformadoras e antirracistas".

Tenho procurado, nessa proposta, reunir as pessoas engajadas em ações concretas, independentemente de escolaridade, com objetivo não apenas de mostrar suas práticas, mas também colaborar uns com os outros e articular redes. Encontros são fortalecedores e geradores de potências coletivas de agir. Devemos praticá-los. Somos muitos, somos incríveis… resistimos até aqui, e continuaremos. Vamos trocar experiências, abraços, contatos, e reconhecimentos recíprocos.

Trocar histórias, organizar as forças. É necessário não apenas trocarmos nossas experiências entre nós, mas transmitir às novas gerações. Não sou um preto velho, mas sou um preto de meia-idade… num ponto onde percebo a presença nítida de distintos modos de fazer movimento negro. Aos mais jovens, recomendo a conversa com os nossos mais antigos. Aos mais antigos, convido a compartilhar seus saberes com os mais jovens. Com as mudanças socioambientais, fica cada vez mais evidente que temos de fazer e praticar essa existência coletiva: este país é a 12ª maior economia do mundo e foi construído sobre os ossos e sangue de nossos ancestrais. Encontrar e trocar histórias é necessário, para que possamos organizar nossas forças.

Organizar forças é mapear os saberes produzidos por todo nosso país. Mas, também, tornar esses saberes acessíveis à posteridade e tornar-nos acessíveis e visíveis uns aos outros. Ajamos!

Brazil: too big to fail

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário e blogueiro

Nos anos 1980, firmou-se a expressão "too big to fail" — grande demais para falir. A frase lembra que certas empresas, em razão de seu porte, não devem ser abandonadas quando enfrentam tempos difíceis. Grandes bancos são expostos a esse risco. Quando a situação de um deles periclita, o governo costuma socorrer rápido, para acalmar o mercado e evitar contaminação sistêmica.

A debacle do Crédit Suisse, semana passada, é exemplo de um banco "too big to fail". Fosse abandonado na tempestade, o segundo estabelecimento bancário suíço teria falido em poucos dias por não ser capaz de estancar a sangria de depósitos que se avolumava desde a semana anterior. O governo suíço pressionou o maior banco do país a encampar o concorrente em apuros. Sem isso, estaria armado o cenário de uma crise planetária como a de 2008.

Países não são empresas. Um país que deixa de pagar suas dívidas torna-se inadimplente, mas não irá à falência. Por mais que ele esteja no vermelho, sua infraestrutura, suas riquezas naturais e seu povo não vão desaparecer. Portanto, seu ativo excederá sempre seu passivo.

Curiosamente, o verbo inglês "to fail" tanto significa "falir" como "falhar". É aí que ouso um jogo de palavras complicado em inglês mas cristalino em nossa língua: Um país nunca será grande demais para "falir", mas pode ser grande demais para "falhar" ('too big to fail' em ambos os casos). O Brasil se enquadra nessa afirmação, por ser grande e importante demais para se permitir falhar em suas obrigações perante o conjunto das nações. Sob pena de perder importância, o Brasil tem de garantir seu lugar no tabuleiro mundial.

Nestes últimos 20 anos, entra governo, sai governo, nossa diplomacia não parece entusiasmada para ver o Brasil assumir o lugar que lhe cabe no seio das nações. O antigo presidente Bolsonaro ousou elevar ao posto de ministro de Relações Exteriores um personagem isolacionista, que se alegrou em relegar nosso país ao papel de pária. Nos governos petistas, política externa se resumia a bravatas e a calotes a organismos internacionais, justamente àqueles em que almejamos assumir cadeira permanente. Ignoraram o velho adágio: "Não há bônus sem ônus".

Não se refaz a história, mas nunca é tarde pra corrigir a rota. O mundo que se desenhou com o desmoronamento da União Soviética pareceu, num primeiro momento, apontar para um universo unipolar, com uma única superpotência. A fulgurante ascensão da China e a invasão da Ucrânia, entre outros fatores, deram o sinal do fim do recreio. Nosso país, que não é uma república de bananas, tem de entender que a brincadeira acabou. Foi-se o tempo em que se podia propor resolver conflitos internacionais com um simples jogo de futebol. A orquestra agora toca pra valer, e é bom não perder o compasso.

Faz um ano que a Rússia invadiu a Ucrânia, impondo uma guerra de conquista territorial a uma Europa que pensava haver esconjurado a guerra. A União Europeia, que é uma das três maiores potências comerciais do mundo, foi profundamente transformada por essa guerra. A aparição de um inimigo comum despertou a solidariedade e empurrou países neutros para a Otan, uma aliança militar. Gastos militares explodiram, até em países antes pacifistas.

Fluxos do comércio internacional estão dramaticamente modificados pelas sanções. Essa realidade não pode ser minimizada por nosso governo. Nossa "doutrina de não intervenção" tem de ser mais que política de fachada. Se nos abstemos de intervir em assuntos internos de outro país, a coerência nos obriga a condenar toda intervenção de um país em outro — mormente quando for invasão militar. Toda barbaridade tem de ser repelida com veemência.

Nosso governo tem feito movimentos erráticos e contraditórios. Mas nosso país conta. Não podemos fazer como se não tivéssemos nada a ver com o peixe. Que Putin não vale um saco de fertilizante, é ponto pacífico. O que o mundo espera de nós é uma posição civilizada de clara rejeição à agressão russa, que já matou centenas de milhares de inocentes, mandou 8 milhões para o exílio e continua destruindo o país. A retirada das tropas russas é pré-requisito para qualquer início de diálogo.

Nosso país não é um grotão. Nossa força econômica, nossa massa populacional e nossa tradição humanista nos autorizam a soltar a voz para condenar todo crime contra a humanidade. É o que o mundo espera de nós e não podemos falhar: "Brasil is too big to fail".

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Sem opor e sem posição

Enganam-se redondamente aqueles que acreditam que as declarações, cada vez mais destrambelhadas do atual presidente da República, ajudam politicamente as oposições. Não ajudam, porque não criam nessas forças antagônicas o que mais seria necessário, que é um sentido de coesão ou de um projeto unificado e ordeiro de oposição, capaz de transformar esses grupos numa frente ampla antenada e proativa para exercer o que se espera desses líderes.

A verdade é que boa parte daqueles que se elegeram à sombra de Bolsonaro ainda não demonstraram o que vieram fazer no Parlamento. São poucos os políticos e sempre os mesmos que assumem as tribunas da Câmara e do Senado, para discursar contra as insanidades produzidas todos os dias pelo atual governo. Há, de fato, um marasmo geral, como se todos estivessem esperando algo extraordinário para se posicionar. Os absurdos que acontecem diariamente, só ocorrem porque a oposição ainda não se encontrou. Será que se unirá ainda nesta legislatura?

Enquanto nada de significativo acontece no Congresso, o governo vai comendo pelas beiradas, articulando ações, desmotivando, com benesses, parlamentares suscetíveis de serem dobrados ou amolecidos, sabotando a oposição e aparelhando o que pode, ou desarticulando os órgãos de combate a corrupção. Se não são as oposições que ganham relevo com as insanidades do atual governo, quem seriam os beneficiários diretos desse desgoverno?

Há os que acreditam ser o mercado, que segue junto com o aumento de juros. Outros acreditam ser as mídias oficiais, que estão sendo beneficiadas como nunca, para maquiar uma situação que beira ao caos. Outros ainda acreditam que todo esse descompasso do governo beneficia apenas especuladores e aqueles que apostam no caos na economia. Nenhum desses angariam tantos benefícios com as ações incautas do atual governo quanto o o próprio vice-presidente, que se mantém afastado de polêmicas, agindo nos bastidores para dar um certo ar de seriedade a tudo o que o titular faz e fala.

De fato, Alckmin sabe o que está fazendo e a razão do que faz. Pode ser leal ao presidente, mas é bem mais leal a si mesmo e tem propósitos para agir assim. Quanto mais o atual chefe do Executivo deixa escapar suas pérolas colecionáveis, mais e mais sobe a cotação do vice. Na realidade Alckmin não precisa fazer grande esforço para se manter como a única ilha longe do vulcão. Segue pela lei da inércia, empurrado para o alto pelos ventos da sandice.

Outro comandante que, com certeza, vai se beneficiando com os tropeços verbais de ação do atual governo, é o presidente da Câmara, que vê, a cada dia, sua posição política reforçada pelo controle que exerce tanto entre os líderes de bancada, quanto na pauta de votação de emendas.

Alckmin e Lira formam hoje os nomes mais fortes da República, ao lado, é claro, de alguns ministros do Supremo. O resto é o resto e dança conforme regem os maestros. Essa dupla permanecerá em paz, enquanto for conveniente para ambos. Caso o projeto do semi-presidencialismo venha a se tornar uma realidade, como quer e sonha Lira, a situação pode mudar. Caso prossigam os atropelos e as parlapatices do atual mandatário, revelando, como muitos falam à boca pequena, uma certa decrepitude ou senilidade, a saída poderá ser feita apenas por essas duas passagens estreitas tendo cada uma delas a figura ou de Lira, ou de Alkmin. É o que dizem: o presente rabisca o futuro, sempre traçado pelo passado.

» A frase que foi pronunciada

"Privatizar o Porto de Santos é a diferença entre a política internacional e a pobreza na Baixada."

Governador Tarcísio de Freitas

Planejamento

» Alguma coisa precisa ser feita nas obras da W3 Sul. O que não pode é o trânsito ficar parado da forma que está, nos horários de pico.

Direito

» Reclamação constante é que, apesar da facilidade de cartões para o pagamento de passagens de ônibus, muitas vezes, não há troco, com o prejuízo ao passageiro. O comércio em geral deve estar preparado para o pagamento em dinheiro, com troco suficiente em reserva no caixa.

Acepção de pessoas?

» Sedet lança Projeto Transformadas, curso de formação gratuita para bartender, culinária e maquiagem. O que não dá para entender é a disponibilidade de vagas, preferencialmente, para candidatos da comunidade LGBTQIA+.

» História de Brasília

Não apresentou, em nenhum momento uma razão plausível para o seu gesto. As dificuldades pelas quais passa o país, são as mesmas, e nem assim se justifica a hora do desespero. (**Publicada em 17/3/1962***)*